MÍRIAM LEITÃO

Flávia e o bolo de chocolate

ilustrações de
BRUNA ASSIS BRASIL



ROCCO

MÍRIAM LEITÃO

Flávia e o bolo de chocolate



ilustrações de
BRUNA ASSIS BRASIL

ROCCO JOVENS LEITORES

À minha amiga Rita,
que sabe uma nova solução
para um velho problema.

M.L.



Rita era uma mulher muito boa, especial mesmo. Só que andava meio triste. E ficava cada dia mais
triste. Queria muito ter um filho, mas não conseguia.
Um dia, ela, de tanto pensar, encontrou a solução:
– Vou procurar uma criança que não tenha mãe e que me queira.



Procurou, procurou até ver aquela menina bem pequena, bem linda.
Foi só olhar para aquela carinha que ficou completamente apaixonada.
– É ela! Senti na hora que a vi. Eu gostei dela e ela gostou de mim, olha só o sorriso!
Rita ficou muito feliz de ter uma filha.
– Você vai se chamar Flávia.
Quando conseguiu levar o bebê para casa, saiu logo para passear na praça do bairro.
Mostrou cheia de orgulho a menina para as amigas:
– Agora eu sou mãe. A minha filha não é linda, a minha pequena Flávia?





Todo mundo só podia concordar, porque ela era mesmo muito bonita, mas uma vizinha bem invejosa falou outra coisa:
– Ela não é sua filha!
– Por que não?
Rita ficou brava com a vizinha.
– Ora, vocês são muito diferentes!
– Você é que é boba e não sabe das coisas.
– Sei sim! Vocês são muito diferentes e por isso está na cara que ela não é sua filha – disse a vizinha.



Rita saiu de perto para não brigar.

– Ora, onde já se viu uma coisa dessa? Uma vizinha estranha, que gosta de tudo igual. Qual é o problema de uma pessoa ser diferente da outra?



Flávia cresceu forte e sabida. Tudo ela queria ver, entender, experimentar. As duas saíam para passear e se divertiam juntas: praia, cinema, teatro, brincadeira de boneca.









Tudo era divertido.
Rita estava cada dia mais feliz de ter uma filha assim como a Flávia. Daquele jeitinho mesmo, sem tirar nem pôr.



Um dia, Flávia acordou muito chateada. Ficou pensando, quieta, olhando tudo e comparando.
No mundo tinha umas coisas superparecidas e outras bem diferentes.
E ela achava que não era muito parecida com a mãe.
Aquele pensamento foi crescendo, crescendo em sua cabeça.
Flávia começou a chorar:
– Mãe, eu quero ser como você.
– Como assim?
– Não quero ser marrom!
– É mesmo? Por quê?
– Eu quero ser branca como você.
– Mas por quê? Você é linda do jeito que é, toda marronzinha – falou a mãe.





- Eu não quero ser marrom. Não gosto de marrom! Marrom é uma cor feia. Detesto tudo o que é marrom – disse Flávia, batendo o pé no chão.
– Tudo?



– Tudo!

Rita gostava de ver a filha feliz, então decidiu:
– Está bom, Flávia. Vamos fazer assim: de hoje em diante, nesta casa, não se faz mais bolo de chocolate.
– Ué?! Mas eu adoro bolo de chocolate!
– Não pode. É marrom e você não gosta de marrom – disse a mãe.
– E brigadeiro pode?
– Brigadeiro é marrom, marrom.
– E picolé? Sorvete?
– Só se for de coco, de creme, de morango, porque você gosta dessas cores, mas tudo que for marrom nós
vamos evitar daqui para frente nesta casa – avisou a mãe.





A menina não estava gostando nada daquilo. Até achava bom, de vez em quando, sorvete de coco, mas não tinha como negar: o de chocolate era melhor.



No dia seguinte, Flávia acordou doida para ir à praia. Dia lindo, sol brilhando, o mar devia estar uma delícia.

– Mãe, vamos à praia?

– Não, não podemos ir de jeito nenhum – respondeu a mãe.

– Por que não?

– Olha só: o sol vai bater no seu corpo e vai fazer você ficar mais marrom. E se o sol bater em mim, eu
também vou começar a ficar meio marronzinha, e você disse que prefere que eu seja branca e até quer ser
branca como eu. Na praia, vai acontecer o contrário.



Flávia estava cheia daquela conversa e meio arrependida. Mas decidiu pensar em outra brincadeira.

Pediu para ir à pracinha. Lá, sentou-se debaixo de uma árvore e chamou a mãe para brincar com a areia.

Rita foi, mas ficou de longe, olhando.

– Flávia, você não acha que esta areia é meio marrom? Aliás, você já reparou que o seu cachorro, o Cacau, é marronzinho?



- Tá bom! Tá bom! Chega de ficar me proibindo de tudo que é bom. Me diz uma coisa: por que eu sou marrom e você é branca?
– As pessoas são todas iguais, mas com essas diferenças. Um é branco, o outro é marrom, o outro, preto.
Um tem olho puxado. Um é baixo, o outro alto. No mundo, as pessoas são diferentes, mas todas são iguais. Entende?
– Não. Igual é diferente de diferente – disse Flávia com aquela carinha de sabida.
– São iguais porque são pessoas. As flores são diferentes, mas todas são flores. Não há neste mundo todo uma pessoa igualzinha à outra.





- E os gêmeos? Os gêmeos são iguais. O Lucas e o Tiago, da minha sala.

– São bem parecidos. Quem olha pensa que eles são iguais, mas um é diferente do outro. E cada um pensa de um jeito. O Lucas gosta de umas coisas, e o Tiago, de outras. Pode reparar.



– E no mundo inteiro, todo mundo é diferente?
– Todo mundo.
– E no Brasil tem muita gente marrom como eu, não é, mamãe?
– Sim, muita gente. Alguns com a pele mais escura. Outros têm a pele mais clara. Tem também os moreninhos de cabelo bem liso. Os índios são assim. E tem gente branquinha como eu. O mais legal, minha filha, é que tem brasileiro de todo jeito e toda cor.



- E o que é melhor, mãe?

– Não tem melhor nem pior. O mais legal é cada um gostar de ser do jeito que é.



– Mãe, posso pedir uma coisa?





– Pode sim, minha filha.
– Faz um bolo de chocolate para mim?
– Bem marrom?
– Bem assim, da minha cor!
– disse Flávia, orgulhosa.